



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LUÊNIA DE VASCONCELOS MOURA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: UMA
REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE**

**GUARABIRA/PB
NOVEMBRO DE 2014**

LUËNYA DE VASCONCELOS MOURA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: UMA
REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE**

Relatório de Estágio supervisionado do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela Prof.^a.
Ma. Luciana Calissi.

**GUARABIRA/PB
NOVEMBRO DE 2014**

M929r Moura, Luênya de Vasconcelos

Relatório de estágio supervisionado obrigatório: uma reflexão sobre a formação docente [manuscrito] : / Luênya De Vasconcelos Moura. – 2014.

30p.

Digitado.

Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

“Orientação: Luciana Calissi, Departamento de História”.

1. Estagio Supervisionado. 2. Educação. 3. Ensino de História. I. Título.

21. ed. CDD 981

LUÊNIA DE VASCONCELOS MOURA

LUÊNIA DE VASCONCELOS MOURA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO:
UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE**

Relatório de Estágio apresentado ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador(a): Profa. Ma. Luciana Calissi.

Aprovada em: 25/11/2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Luciana Calissi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora

Profa. Drª Marisa Tayra Teruya
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Profa. Dr. Flávio Carreiro de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de fazer o curso.

A minha orientadora Luciana Calissi pela paciência, bom humor, correções e incentivo.

A minha mãe, irmã e avó pelo apoio ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária.

A meu companheiro Bruno Mota por estar ao meu lado e me incentivar ao longo dessa empreitada.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente Relatório de Estágio apresenta reflexões a partir da memória escolar e experiência docente em Oficina e Regência. Tem como intuito discutir e relacionar a teoria de ensino de História com o conhecimento sucedido da prática. O enfoque do presente trabalho está em defender a utilização da experiência como aluno do ensino básico, na prática educativa. O professor deve fazer um autoquestionamento partindo do pressuposto das necessidades quando aluno; aliado ao conhecimento adquirido através de leituras referentes à prática educativa e estudos acadêmicos relacionados ao ensino específico de História, para atribuir valor e significado aos conteúdos, assim como aproxima-lo da realidade do aluno. O raciocínio teórico educativo teve como base textos de autoras como Rosa Kulcsar e Flávia E. Caimi. O procedimento metodológico utilizado nesse relatório foi de cunho reflexivo, procurando intercalar o discurso teórico obtido a partir de discussões acadêmicas e o prático alcançado no processo de estágio.

Palavras-Chave: Estágio; Educação; Ensino de História.

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	07
2. A importância do Estágio para Formação Docente.....	08
3. Memorial.....	.15
4. OFICINA: Primeira Experiência.....	20
4.1 ROTEIRO DE ESTÁGIO (OFICINA).....	22
5. REGÊNCIA: Segunda Experiência.....	23
5.1 ROTEIRO DE ESTÁGIO (REGÊNCIA).....	24
6. Considerações Finais.....	27
7. Referência Bibliográfica.....	29

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho relata uma trajetória a partir da experiência de estágio em História que revê e analisa tanto o Ensino Básico como minhas experiências como aluna do curso de Licenciatura Plena em História. Como tal, a vivência do Estágio Supervisionado que compreende parte importante e indispensável para formação de educador.

O estágio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, mais conhecido como Colégio Estadual de Guarabira, no período de agosto de 2013 á fevereiro de 2014.

Esse relatório apresenta primeiramente reflexões acerca das minhas concepções sobre estágio a partir de algumas leituras como Flávia E. Caimi, Rosa kulcsar, entre outros.

Procuro neste trabalho, defender a importância da reflexão do professor, onde o qual deve utilizar sua experiência como aluno, se colocando em tal posição para entender as necessidades e assim conseguir um melhor aproveitamento em sala de aula. Em seguida relaciono estas leituras e minhas experiências com o desenvolvimento/resultado das etapas dos estágios. Para tanto, descrevo de forma subsecutiva meu memorial, logo após apresento a Oficina, que foi minha primeira experiência com a docência, por conseguinte exponho o período de Regência, a conclusão, e por ultimo as referências que utilizei tanto em minhas leituras para elaboração teórica, como para os encontros de Oficina e Regência.

2. A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96). É através do estágio que o licenciando pode desenvolver sua metodologia, conhecer de perto a realidade das escolas, colocar em prática de fato, tudo aquilo que ele tem conhecimento na teoria. É uma oportunidade para que o aluno inicie um aprendizado, fazendo aquilo que esteve se preparando por alguns anos. Portanto, o estágio não é apenas uma exigência legal, mas se justifica também pela sua importante função de introdução à prática docente.

Quando pensamos sobre o papel do estágio nos cursos de licenciatura, acabamos nos deparando com questões colidentes que atrapalham na organização do pensamento acerca do mesmo. Analisaremos alguns pontos relacionados ao estágio, à formação de professores e na relação que existe entre ambos.

De acordo com minha vivência como aluna, percebo que a formação de alunos sofre de várias carências; o estudante do fundamental I passa para o fundamental II sem ao menos ter adquirido os requisitos básicos para ascender de série, conhece apenas as habilidades que lhe foram determinadas (memorizar e reproduzir um discurso determinado previamente; seja pelo currículo da escola ou pelo próprio professor), pois me parece que as escolas, carecem de um projeto de curso, assim como os alunos de indicações de leituras complementares, etc. O professor entra no curso de formação almejando seu término, encarando uma realidade desconhecida, sofrendo de despreparo teórico, isento de incentivo, acaba estagnando em sua função e acomodando-se. O estágio ajuda o futuro professor a lidar com essas questões previamente, ele é o ponto de ligação entre a leitura teórica e a prática, assim como auxilia no processo de formação da identidade profissional do educador.

O estágio trabalha o resgate da memória pessoal (memorial) do aluno-professor na medida em que nos deparamos com situações com as quais nos identificamos com ex-alunos. É interessante também a revisão de práticas e metodologias de ex-professores que deram certo, que conseguiram fazer o aluno se interessar e aprender - gerando assim um autoquestionamento, uma análise de contradições percebidas na práticas escolares. O memorial ampara no reconhecimento do papel da teoria como elemento instigador e esclarecedor, uma vez que cria uma situação favorável à reflexão e utilização da mesma para fins práticos; sendo assim, a base da prática em si.

Estágio é pesquisa, é teoria e é prática. É o observar de perto. É o pensamento em maiores dimensões onde existe um projeto coletivo e onde se inicia o processo de formação contínua do professor.

A função da universidade é fornecer um embasamento teórico e específico, que possibilite assim o desenvolvimento de uma visão crítica social e tentar formar um profissional competente. Um dos elementos que pode ser oferecido pela Universidade é o Estágio Supervisionado, que é componente obrigatório nos cursos de Licenciatura, porém, pouco explorado.

Uma proposta para o melhor aproveitamento do estágio seria o engajamento do mesmo no atendimento à comunidade, ou seja, o estágio utilizado com intuito de relacionar o aluno-professor com a realidade, onde o mesmo tenha a possibilidade de ter contato com os desafios que a profissão oferece. Essa relação com a realidade escolar integra os contextos teóricos e práticos: o saber e o fazer.

O estágio assim, se faz parte de extrema importância, da relação entre teoria e prática, representando a articulação entre o trabalho e a realidade escolar. Atuando como instrumento fundamental no processo de formação de educador, preparando legitimamente o estagiário para carreira de professor.

Todavia, para que haja de fato, a concretização da real função do estágio, o mesmo não deve ser encarado como uma ocupação meramente burocrática e formal, o estágio deve adquirir uma colocação prática, de intercâmbio de serviços e fresta para mudanças. O aluno-professor deve observar as necessidades dos alunos os quais observa nas escolas, quais suas queixas e necessidades educacionais, não deixando de lado, obviamente, o local social e a realidade de vida enfrentada pelo educando. Geralmente as principais lamentações dos alunos são a desvinculação do conteúdo curricular e a realidade; superficialidade; ausência de estímulo e oportunidades.

Para tentar atender as necessidades, o aluno estagiário pode e deve coligar-se e suplantar as dimensões estabelecidas. Isso implica em ver além, em enxergar as carências e atuar dentro de sua realidade, aproximando o máximo possível os conteúdos da vida e do contexto social do aluno.

A educação tem uma função social e política, devemos adquirir consciência das funções da educação e do papel que o educador tem nesse quadro. A ação dos professores deve ser compatível com as necessidades e perspectivas da sociedade atual. Os cursos de licenciatura precisam ofertar aos futuros profissionais uma base significativa de conhecimentos pertinentes a toda e qualquer atividade educativa, priorizando ainda mais, a função de educador escolar.

Outro problema enfrentado pela classe docente é a mentalidade “pseudo humanista” que tomou conta da sociedade atual. Essa visão trabalha em prol do capitalismo e tenta se passar por uma “educação para a vida”.

Transformando o professor em máquina de ensinar e o aluno em reprodutor de conteúdos pré-estabelecidos e isentos de análise e críticas, assim funciona a escola tradicional dita positivista. E não podemos nós, pensar que o aluno não percebe a diferença entre o reprodutor de conteúdos e o educador, que reelabora conhecimentos e os constrói junto com os alunos. E a prática de ensino no estágio proporciona inclusive, que o aluno-professor se construa como professor-educador, graças ao contato com o social, com os problemas referentes à atividade docente e para a criação de soluções para esses mesmos problemas.

Estatísticas de ensino escolar apontam que os alunos não tem aprendido História, pelo menos não do modo apropriado e satisfatório. Professores reclamam da falta de interesse dos alunos e das deficiências dos conteúdos, que se tornam maçantes e abstratos, já os alunos desejam um ensino com maior significado, que se articule com a realidade de vida dos mesmos.

No que respeita às estatísticas nacionais sobre o desempenho escolar, têm-se índices extremamente preocupantes. Considerando-se o domínio da leitura e da escrita, elemento fundamental para a aprendizagem de qualquer componente curricular, e especialmente da história, as pesquisas apontam que 22,2% dos estudantes da 4ª série se encontram praticamente em situação de analfabetismo.(CAIMI,2007).

Estatísticas nacionais apresentam índices preocupantes com relação ao domínio da leitura e escritas dos alunos, principalmente dos alunos do fundamental I. Dados com base no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), mais conhecida com Prova Brasil (ou Provinha Brasil), elaborada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o INEP, que foi criada com intuito de verificar os índices de qualidade da educação no Brasil, revelam que em 2011 apenas 37% dos alunos do quinto ano aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de texto, já os do nono ano apenas 22% conseguiram aprender o necessário. Diante dessa situação, o saber se articula em dois determinados pontos, que seriam o ensino/aprendizagem de História e a formação dos professores.

O documento da área de História dos Parâmetros Curriculares Nacionais indicam os pontos a serem desenvolvidos nos alunos, como capacidades e habilidades: relação entre passado e tempo; reconhecer semelhanças históricas em diversos contextos; dominar procedimentos de pesquisa; valorizar o patrimônio sócio/cultural; etc. Esses objetivos desvalidam as finalidades da escola tradicional, onde o aluno se vê induzido a apenas acumular informações aparentemente sem nenhuma correlação com sua

realidade social, uma História eurocêntrica, heroicizada, “verdadeira” e incontestável. Um ensino mecânico, carregado de conteúdos e quantitativo.

Isso sem contar na persistência da ideia de que para lecionar História basta a assimilação dos conteúdos históricos pelo professor, deixando de lado o estudo relacionado ao ensino/aprendizagem, quando sabemos que a propriedade do conhecimento histórico, não basta para garantir a aprendizagem dos alunos, todavia, sem o mesmo não há condições de se progredir em sala de aula, mas, o professor deve ter o discernimento e a destreza de compreender quais os pressupostos necessários para que aluno consiga aprender.

O professor pode usar da curiosidade do aluno para incentivar o aprendizado, estimulando o questionamento, a crítica, fazendo o aluno envolver-se na aula, fazendo-o sentir-se parte dela, tornando a sala de aula um ambiente de curiosidade. Os alunos entendem a História como algo distante, totalmente alheio ao cotidiano deles, enfim, algo sem utilidade e funcionalidade. A estratégia seria ligar o conteúdo a algo que seja interessante para o mesmo, estimulando assim, o interesse do aluno. Essa atitude garante a significação dos conteúdos e conseqüentemente a aprendizagem.

Levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento histórico, mas garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens. (CAIMI, 2007).

Uma metodologia possível para que este tipo de aprendizagem se efetive é um trabalho coletivo ou em grupo. Nele, os alunos encontram um ambiente onde podem expressar suas percepções com maior facilidade, opinando e ouvindo a opinião do outro, analisando-a, afrontando colocações, desenvolvendo assim, o senso crítico e analítico. A oficina de História, experiência vivida no estágio, é desenvolvida como um trabalho coletivo, onde todos tem interação; onde os alunos tem espaço para expressar suas opiniões livremente, fazendo surgir assim problematizações, questionamentos e brechas para observações que em aula expositiva nem sempre o aluno se sente a vontade para fazer. Pois o professor não pode ser apenas um reproduzidor do conhecimento, atuando de forma sistemática e técnica, mas um profissional da inovação, produzindo e gerando conhecimento.

O professor tem que levar em consideração alguns aspectos das práticas escolares tais como: reconhecer o local social do aluno, qual o conhecimento prévio que o mesmo possui, de que maneira se dá seu

cotidiano, para que assim, se possa elaborar uma proposta metodológica que compreenda e se adeque a realidade de vida do aluno, viabilizando assim, a aprendizagem, esse conhecimento ajuda o professor em sua elaboração metodológica.

Entende-se, [...] que um professor reflexivo seja capaz de investigar os problemas que se colocam no cotidiano escolar; de mobilizar conhecimentos, recursos e procedimentos para a sua superação; de avaliar a adequação das suas escolhas e, finalmente, de reorientar a ação para intervenções mais qualificadas no processo de aprendizagem dos alunos. O professor não seria, assim, um simples técnico, reproduzidor de conhecimentos, mas um profissional capaz de inovar, de participar das decisões, de interagir com seus pares, de dialogar com a produção teórica e metodológica pertinente ao seu campo de conhecimento e, sobretudo, de produzir conhecimentos sobre o seu trabalho.(CAIMI, 2017).

O Estágio Supervisionado muitas vezes é o primeiro contato do aluno de licenciatura com a experiência de ser professor. Ele oferece a oportunidade de desenvolver e/ou aprimorar a habilidade da prática docente, formando de fato, professores. Ele pode ser uma oportunidade de tentar realizar essa prática reflexiva criando um conhecimento significativo, aulas dialogadas, trabalhos coletivos e interativos, etc.

Mesmo o aluno universitário que já atua em sala de aula, pode se beneficiar do estágio, enriquecendo sua bagagem de experiência e tendo a oportunidade de ser avaliado para que assim, haja um autoquestionamento acerca de sua atuação como professor (a).

No contato que tive com a sala de aula, tive a chance de adquirir experiência e pôr em prática ações que até então, só conhecia teoricamente. Surgiu a oportunidade de criar um autoquestionamento acerca da prática do ensino/aprendizagem. Entre as diversas questões que me surgiram em função desse autoquestionamento, a mais expressiva foi sobre a troca de lugar com o aluno, ou seja, o “me colocar no lugar do educando” com intuito de compreender suas necessidades e entender principalmente o que estimula a curiosidade do mesmo.

Quando estudei no Colégio Estadual, mesmo colégio onde estagiei, lembro que quando aluna do ensino médio, observava e criticava a postura de determinados professores que ditavam textos e faziam toda turma copiar questionários de 30, 40 e até 90 questões com respostas encontradas no livro. Eu, assim como todos os alunos, já sabia que ao término da unidade, não lembraria uma só questão da unidade passada.

Poucos professores se destacavam dos demais. Em minha reflexão pude notar que esses professores que sobressaíam aos outros, eram justamente os que mantinham uma maior dinamização e flexibilidade nos conteúdos, fugindo do livro didático, questionando o aluno, gerando a dúvida, implantando assim, a semente da curiosidade. Essa atitude, questionadora, que parte do conhecimento que o aluno possui previamente, é de fundamental importância e pode definir se uma aula vai ser proveitosa, ou não.

Cada indivíduo carrega consigo, conhecimentos empíricos e/ou de senso comum, além de conhecimento escolar anterior. O professor de História pode e deve utilizar esse conhecimento prévio, acrescentar e organizar, criando assim, um novo conhecimento com significado, construído a partir do planejamento do professor e com uma finalidade clara, que pode ser o questionamento e compreensão de algum aspecto específico da sociedade ou o desenvolvimento de uma problemática que exige uma maior interpretação.

O aluno é condicionado a esperar que o professor entre em sala de aula, abra o livro e despeje palavras que muitas vezes não fazem o menor sentido, sejam frases que parecem sem sentido, seja a palavra solta que o aluno não conhece por não fazer parte do seu “dialeto” cotidiano e por essa razão, não consegue assimilar ou contextualizar junto ao assunto abordado.

Quando estagiando, notei que os alunos mudavam de expressão facial quando dito o termo “populismo”. De imediato perguntei o que era compreendido por populismo por eles, minha resposta foi o silêncio. Concluí que nem ao menos conheciam o termo. Esse foi o primeiro momento que tive a chance de me pôr na posição de aluno, e questionar-me: “eu quando estudante do ensino médio conhecia determinados termos utilizados pelos professores?” “Tinha eu, oportunidade, ou sentia-me à vontade para questionar o professor sobre o significado de algumas palavras?”. A resposta para ambas as questões foi negativa.

O professor de História deve ter a consciência que muitos dos alunos, principalmente quando estamos falando de ensino público, não conhecem diversos conceitos como, por exemplo: “dinastia”, “dogma”, “populismo”, “anistia”, entre outros. Quando o aluno escuta o professor usando determinadas palavras desconhecidas, primeiramente sente curiosidade sobre o que poderia dizer essa palavra, porém, dificilmente o aluno sente-se à vontade para fazer o questionamento por medo de repreensão do professor ou dos próprios colegas de turma. Quando essa curiosidade não é saciada, o aluno tende a perder o interesse pelo assunto, uma vez que não consegue interpretar totalmente o que o professor tenta passar. É função do professor descodificar esses termos, trazendo para o aluno um conteúdo mais significativo, mais palpável. Usando a curiosidade inicial do aluno e

estendendo-a ao máximo, mantendo um ritmo dinâmico de diálogo com os alunos, questionando e se deixando questionar.

Atuando de forma questionadora, o educador consegue romper o costume - ao qual, os alunos estão habituados - de esperar o conteúdo despejado em textos ditados dos livros didáticos e cobrados em forma de imensos e imemoráveis questionários.

Partir do ponto de vista do aluno é algo de extrema importância, como havia dito anteriormente, porém, a atividade do professor não pode girar em torno apenas, do que o aluno gostaria de ver. O aluno não tem a consciência de, ou não foi incentivado a compreender a importância de estudar determinados conteúdos. Essa consciência encontra-se apenas no professor, que passou pela qualificação necessária para que pudesse desenvolver a habilidade decodificadora pertinente, que atribui valor e significado aos conteúdos. Essa por sua vez é desenvolvida através da teoria e dos conceitos estudados no período de formação do professor. Este estudo preparatório é sim, a base para a atividade docente.

Assim, o relato de experiência aqui exposto, parte de meu memorial escolar, pois este contribuiu para que eu (re) pensasse a atividade docente de forma mais crítica e analítica, pensando no aluno e no professor como dois lados que se relacionam e se ensinam.

3. MEMORIAL

Iniciei meus estudos aos quatro anos de idade em uma escola particular onde fui remanejada para o jardim II, me julgaram capacitada para uma turma à frente. Antes de estudar de fato em um colégio, minha mãe já havia me iniciado na escrita, portanto, quando eu comecei a estudar, já sabia escrever ao menos meu nome e conhecia os números.

Passei apenas um ano nesse colégio onde tive pouco entrosamento com as demais crianças por ser introspectiva e por sofrer bastante preconceito por ser branca (por incrível que pareça). Eu tinha duas professoras, uma que me tratava muito bem. Lembro-me que ao final de cada aula ela passava um batom acobreado e me dava um beijo. Ela sofria de uma doença da visão apesar de ser bem jovem, cegou e assim a segunda professora ficou sozinha na turma. A professora que ficou responsável pela turma que eu integrava me tratava mal, gritava bastante, me colocava de castigo, ajoelhada sobre o milho, batia, beliscava-me, dava-me tapas nas mãos, muitas vezes por eu querer tirar uma dúvida sobre a aula, dizia ela que eu estava atrapalhando o desenvolvimento.

Quando mudei para o colégio Educandário Sonho Meu, mais próximo da minha casa, a situação não mudou muito, era igualmente um colégio particular, mas predominado por crianças pardas e afrodescendentes, então mais uma vez eu era única criança branca da turma, inclusive era a única do colégio até minha irmã mais nova começar a estudar lá também. As outras crianças tinham preconceito comigo e nunca me incluíam nas brincadeiras, então eu focava apenas no aprendizado. Como eu era a mais focada pegavam meus deveres para copiar, só nessa hora é que eu me sentia incluída entre os demais.

Quando terminei o primário fui estudar numa escola pública. A quinta série (hoje sexto ano) foi muito tranquila pra mim por já saber do que se ensinava. Foi aí que notei o atraso no ensino público. A grande maioria das crianças da rede pública estavam vendo aquele conteúdo pela primeira vez, enquanto eu já conhecia tudo que estava sendo ensinado, um exemplo disso foi que eu já havia estudado inglês desde a alfabetização enquanto os demais alunos da mesma turma estavam estudando a matéria pela primeira vez. Estava na pré-adolescência deslumbrada com o convívio social que antes eu não tinha. Desliguei-me dos estudos, mesmo assim passar de série não foi problema naquele ano (2001).

No ano seguinte o quadro mudou, reprovei por descuido, conversas em sala de aula, desatenção com os estudos. Na segunda vez que fiz a sexta série, dediquei-me e fui aprovada para a sétima e novamente reprove, agora a sétima, pelo mesmo problema.

Na oitava série comecei a me interessar por História, foi quando decidi fazer o curso ao término do ensino médio. Comecei a frequentar o Campus da UEPB de Guarabira por ter amigos estudando no mesmo. Entre diálogos e visitas a Universidade firmei a ideia de prestar vestibular para História.

Meu ensino médio foi bem turbulento. Fui estudar no Colégio Estadual (E. E. E. F. M. Prof. José Soares de Carvalho). Desisti do segundo ano quase nos últimos meses por um conflito com uma professora de História. Discordava da metodologia que ela utilizava e propus a ela que mudasse, ela ignorou-me. Chegou um momento no primeiro ano do ensino médio em que ela aplicou uma prova, eu simplesmente me levantei e na frente de toda turma declarei que me negava a fazer a prova que ela estava aplicando, por não concordar que o que ela ensinava era História. Outra aluna complementou o que eu tinha dito e quase metade da turma se levantou em forma de protesto e igualmente negaram-se a fazer a prova, a partir desse dia, a convivência em sala de aula entre nós ficou insuportável. Só consegui ser aprovada neste ano porque essa professora adoeceu e foi substituída.

Essa professora usava o livro didático de forma literal, sem fazer nenhum dialogo com a vivência de seus alunos. Lia os textos do livro e no final passava um ou mais questionários do próprio livro. Nessa época eu já era ouvinte do curso de História, porém isso não influenciou no meu diagnostico com relação à metodologia que era utilizada, afirmo isso por conviver com os alunos da turma e lembro-me das reclamações dos mesmos, que queriam aprender pra passar no PSS (Processo Seletivo Seriado, já extinto, que era equivalente a um vestibular, onde a nota final era a soma das notas das provas do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, sendo elas aplicadas no ano de conclusão das séries), mas que com o estilo de ensinar utilizado pela professora, ficava inviável.

Hoje, depois de todos os discursos sobre a prática didática, eu entenderia de certa forma, que a formação que a minha antiga professora teve, foi totalmente diferente da minha, todavia acredito que de certa forma ela foi vitima, mas por outro lado também responsável, levando-se em consideração que cheguei a conversar com ela (e não só eu como algumas alunas da mesma turma também conversaram com ela), pedi que ela mudasse as aulas já que eu, assim como o resto da turma, não estava compreendendo as aulas, nem sentindo se acrescentar em conhecimento. Assim consigo ponderar melhor a situação, mas na época não podia perceber que a professora fazia o que sabia e conseguia de acordo com a sua perspectiva. Uma das coisas que aprendemos no estágio é rever a situação do professor e da escola, e não julgar.

Porém, quando vi que seria ela novamente no segundo ano, comecei a me desinteressar pelos estudos.

E esse não foi o único conflito que houve durante meu ensino médio.

Desde o fundamental, eu era envolvida politicamente, militava e fazia estudos de marxismo. Particpei da AGES (Associação Guarabireense dos Estudantes Secundaristas). Era integrante também da juventude de um partido comunista não registrado, participava de protestos. Fazia parte de uma célula de estudos sobre marxismo principalmente, mas também era estudado o ideal socialista/comunista como um todo; a sociedade atual; organização política e partidária, enfim, diversas coisas incluindo até postura e discurso.

Por participar desse meio, fui convocada pelo partido para fundar um grêmio estudantil no colégio onde estudava. O diretor negou-se a permitir. Diversas discussões foram travadas até que o diretor juntou alguns alunos de seu agrado, lançou uma chapa de oposição e negou entrada no colégio aos integrantes do partido ao qual integrava. Esses indivíduos ao qual foi negada entrada eram integrantes da AGES, essa por sua vez era a responsável por realizar as eleições. Essa discursão chegou ao Ministério Público, um processo sobre o assunto foi arquivado, mas antes houve algumas audiências onde expus minhas ideias e me comprometi em levar meu boletim para comprovar as minhas notas (já que para muitos, isso comprova aprendizado e atuação do estudante) para provar que os argumentos defensivos/ofensivos do diretor eram falsos, e que não havia justificativa para que ele se negasse a permitir a entrada dos integrantes da AGES e a realização da eleição para o grêmio.

Ao final, a eleição foi realizada, a chapa concorrente formada pelo diretor venceu as eleições graças à campanha feita pelo mesmo, pessoalmente de sala em sala, fazendo uma imagem negativa de minha pessoal e dos demais componentes da chapa e engrandecendo os estudantes da chapa de preferencia dele. A sala do grêmio permaneceu aberta por três meses apenas. Colocaram caixas de som no pátio para tocar musicas durante o intervalo das aulas, que permaneceu igualmente por três meses. Após isso o grêmio foi dissolvido e um dos únicos instrumentos que davam voz aos estudantes para cobrar algo da direção ou produzir algo de inovador no colégio foi dizimado.

Passei dois anos: o Primeiro e o segundo ano do ensino médio estudando nesse colégio, convivendo diariamente com esses conflitos, então abandonei os estudos tendo em mente fazer os dois últimos anos do ensino médio no EJA. E foi o que eu fiz. Porém, ao chegar à E. M. F. M. Raul Mousinho de Freitas me deparei com o diretor do Colégio Estadual sendo meu professor de português. Mais uma vez os conflitos me perseguiram. Diversas coisas passaram pela minha mente, mas como estava decidida a terminar naquele ano e prestar vestibular para História, pois como disse anteriormente, tinha vários amigos no curso e já ia esporadicamente à UEPB como ouvinte, tinha essa ideia de cursar História afixada. Continuei no EJA e me esforcei para terminar o ano sobrando pontos.

Estava cansada do colégio, não só pelos conflitos, mas porque a meu ver, em nada acrescentava. Via os professores tentando “empurrar” o livro didático por completo; a aula pela aula apenas, sem algo que cativasse, que me instigasse a aprender. Eu já tinha o hábito de ler a anos, e sentia que qualquer livro de Marx, Nietzsche, Voltaire, era mais interessante que certas aulas, que por terem o professor como decodificador do conhecimento, deveria ser bem mais atraentes e inteligíveis.

Quando iniciei minha vida acadêmica, tinha várias expectativas. Sentia uma necessidade de conhecimento específico - algo que fosse realmente concreto e útil de alguma forma. Sentia uma curiosidade pessoal com relação aos fatos históricos, aos acontecimentos. Em entender a sociedade atual partindo do pressuposto da análise da decorrência dos acontecimentos. No curso de História estudei teoria, história de povos e séculos, pedagogia; o curso incita a pensar, coisa tão simples, mas que nos é negado em outras modalidades do conhecimento e mais ainda para as pessoas em geral que não tem acesso à educação devida.

No estágio tive o primeiro contato com a realidade de ensino, com o que é lecionar na prática, utilizando o conhecimento teórico que adquiri nos componentes curriculares pedagógicos como Prática Pedagógica (I e II); OTEC; Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação. Que me proferiram a base teórica para que pudesse fazer um trabalho significativo em sala de aula. Assim como os componentes curriculares de História e os referentes à Teoria da História (Estudos da História; Memória e Patrimônio; História Local e Regional; etc.), que me acrescentaram em leitura e interpretação, auxiliando-me a desenvolver questionamento de “verdades” e dos ditos episódios e ideias “naturais”.

Quando apliquei a oficina de História com o tema “populismo”, ainda não tinha cursado o componente curricular correspondente ao período (que seria a República Nova, 1930 a 1945), porém, o curso como um todo, havia me propiciado a base teórica pertinente, que me possibilitou trabalhar um conteúdo e problematiza-lo em sala de aula, mesmo sem o ter discutido na minha formação acadêmica. Da mesma forma foi o tema “Ditadura Militar”, mesmo sem a discussão no curso de História, não houve problemas em trabalhar o tema. Utilizei artigos e sites da internet, usando a visão que o curso me permitiu desenvolver. Fiquei satisfeita com o resultado, apesar dos problemas característicos do ofício, pois acredito que essa é a verdadeira e válida experiência, tendo em vista que a profissão de professor é cheia de empecilhos e são eles, somados aos acertos do dia a dia que formam de fato, o profissional da educação.

Meu primeiro contato com a docência foi quando ensinava violão e teoria musical na adolescência. Nesse período percebi as diferenças que os

alunos tinham entre si: cada um tinha consigo um saber em graus e níveis diferentes. Tendo isso em vista, partia eu, da necessidade de saber que cada um tinha para assim preparar o conteúdo e metodologia. Eu perguntava o que o aluno sabia, para me programar. A aula de História é conceitual enquanto que a de violão é em sua maioria, prática. Mas em minha formação docente, percebi que podia fazer o mesmo com História, ou seja, podia partir do conhecimento que o aluno tinha para então assim, planejar estratégias de ensino.

Assim, as experiências de Oficina e Regência me foram importantes e representaram uma oportunidade de realizar a relação teoria e prática, sob o pressuposto de me colocar no lugar dos alunos como citado anteriormente. Ao relatar estas experiências, pretendo demonstrar minha busca por um conhecimento em história significativo.

4. OFICINA: Primeira Experiência

Fui à escola no dia 22 de julho, data em que coletei informações com a professora da escola onde estagiei, sobre seus alunos. Ela me recebeu, fez indicações sobre conteúdos a serem trabalhados e sobre o programa curricular seguido pelos professores de História. Falamos sobre o tema da oficina que foi proposto por ela com intuito de manter o roteiro que havia programado no programa curricular, assim como quando poderíamos desenvolver a oficina pedagógica. Fomos apresentados à turma. As datas marcadas para a realização seriam dias 5 e 12 de agosto de 2013. No dia 29 de julho me reuni com os companheiros de estágio para planejar a oficina pedagógica. Dia 5 de agosto foi feriado estadual, portanto, não foi possível realizar o primeiro encontro da oficina. Encontramo-nos novamente para discutir sobre a oficina. Ficou então decidido, entre tantas outras coisas, que a oficina seria realizada em apenas um encontro (dia 12 de agosto), devido o pouco tempo de que dispúnhamos. No dia 12 de agosto foi realizada a oficina. Uma semana depois, me reuni novamente com meu grupo de estágio para discutir as impressões acerca da mesma. O tema desenvolvido na oficina foi “Era Vargas” com duração média de 50 minutos. A oficina foi aplicada no terceiro ano do ensino médio do ensino regular com alunos de faixa etária entre 18 e 25 anos.

Tendo em vista as frequentes apropriações indevidas do termo “populista” para se referir a políticos contemporâneos (como o ex-presidente Lula), considere válido utilizar do período histórico denominado Era Vargas (1930-1945) para caracterizarmos o que se entende por populismo no Brasil, evitando assim os corriqueiros anacronismos referentes à questão. No supracitado processo de caracterização do populismo, comparando as estratégias de Getúlio Dornelles Vargas com as de políticos atuais, pretendi também apontar que há, sim, uma “herança” deixada por ele no modo de conquistar as massas, mas que é inválido a denominarmos de populismo depois de 1964. Procurei utilizar na oficina as concepções de autores sobre o tema como Carvalho, Araújo e Neves.

Como objetivos da oficina posso destacar o intuito de caracterizar o populismo e identificar seu legado na política brasileira contemporânea, enfatizando as principais distinções entre um e outro; compreender e discutir a controvérsia relacionada à caracterização do movimento de 1930 como um acontecimento revolucionário; explicar por que o período do Estado Novo se caracterizou como uma ditadura; caracterizar a legislação trabalhista criada durante o Governo Vargas; identificar a associação feita entre a figura de Vargas e elementos nacionais, por meio da análise da imagem dele criada pelo DIP; identificar as principais características do populismo tendo por base os objetivos anteriores.

Utilizei a exposição crítica, e dinâmica, de conteúdos, tendo por base os conhecimentos prévios dos alunos sobre as atuais apropriações do termo “populismo” aplicado a políticos contemporâneos. Como recurso didático, utilizei a exposição oral e contextualizei pequenas passagens do livro didático.

4.1 ROTEIRO DE ESTÁGIO (OFICINA): Como Ela Ocorreu?

Por serem alunos do turno noite, os alunos da turma em que trabalhei a oficina, a tendência é que os alunos sejam mais dispersos e até mesmo cansados. Alguns dos alunos, talvez a maioria, trabalham durante o dia e estudam a noite o que dificulta já que o aluno não pode dispensar a atenção devida às aulas. Porém, tem uma parcela de alunos que apesar disso se destacam entre os outros fazendo comentários que comprovam um conhecimento prévio do assunto ou apenas que está interagido com o mesmo. A sala de aula é bem mista, mas em sua maioria vemos mais alunos cansados que outro tipo comum de aluno.

Foi sugerido pela professora que fosse trabalhado o tema “Era Vargas”. Tivemos uma conversa com a Professora Joseane, que me orientou a dar prosseguimento ao roteiro que ela estava seguindo. Até pelo fato dos alunos estarem cursando o terceiro ano e alguns almejem uma boa nota no, contribuindo dessa forma a dar continuação à cronologia do programa e dando ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) uma orientação acerca do tema que chegará a ser bem útil no caso de alguém tentar aprovação para um curso superior.

A Oficina foi dividida em três partes: vinte minutos de exposição dialogada de conteúdos, apontando, no processo, aspectos que suscitem a curiosidade e participação dos alunos. Aqui mencionei o populismo sem, no entanto, defini-lo. Quinze minutos onde busquei fazer caracterização do populismo e dinâmica baseada na comparação crítica, juntamente com os alunos, entre este e as práticas de políticos contemporâneos que eles percebem como “populistas”. No tempo que restou da oficina, optei por propor uma elaboração por parte dos alunos que desejarem, de relato escrito sobre a experiência para ser entregue ao término da aula.

A oficina foi o meu primeiro contato com a sala de aula. Nesse primeiro momento tive a oportunidade de refletir sobre a experiência docente assim como utilizar a teoria que me foi apresentada nos Componentes Curriculares Pedagógicos no curso de História. Foi quando surgiu a reflexão sobre a importância de se por no lugar de aluno para conseguir melhores resultados como professor. A partir da Oficina, consegui entender melhor como funciona o planejamento o que facilitou meu trabalho na Regência.

5. REGÊNCIA: Segunda Experiência

Trabalhamos a Regência com as turmas do terceiro ano A e terceiro ano EJA, ambas no turno Noite. A professora responsável pela Regência foi a mesma da Oficina: Joseane Gomes. Ela foi professora da minha irmã, que sempre falava muito bem da metodologia de ensino que ela empregava. Quando me foi sugerido trabalhar a Oficina com ela, fiquei satisfeita, assim como quando me foi sugerido trabalhar a Regência. Ela sugeriu os temas Ditadura Militar, Governos Militares e Republica Velha. Os temas foram propostos com intuito, assim como na Oficina, de seguir o Programa Curricular da escola.

A parte que compreende a regência de um estágio é algo a ser feito de forma individual, porém, considerando a realidade do campo de estágio em nossa região, isso se tornou inviável. Levando-nos, alunos de estágio, a praticar a regência em duplas (ao menos). Levando isso em consideração, podemos dizer que o planejamento das aulas foi modificado. O planejamento foi dado da seguinte forma: dirigimo-nos (Felipe Caetano e eu) às instalações do colégio onde faríamos a regência, com o intuito de conversar com a professora Joseane, para que ela nos fizesse uma proposta de conteúdos, levando em consideração que não podíamos – nem queríamos – atrapalhar o conteúdo programático da turma. Ela nos fez as propostas de conteúdo, nós, por conseguinte, fizemos uma pesquisa a cerca do assunto em livros de conteúdo específico e utilizamos o livro didático que a turma estava usando como complemento, para assim fazermos algumas ligações com algo que eles já tinham acesso. Antes de cada encontro, discutíamos e intercalávamos o entendimento a que tínhamos chegado através das leituras, para que nosso discurso fosse lúcido e inteligível.

A metodologia que utilizamos nos encontros da regência foi a mais viável dentro da realidade das turmas (turmas da noite, onde muitos trabalham de dia, tem suas famílias e estudam mais por obrigação social que por vontade de aprender) e do contexto o qual estávamos inseridos como estagiários de história (em um campo reduzido, com poucos recursos, muita burocracia, enfrentando as pressões que a greve do início do ano 2013 tinha gerado, entre outras coisas). A partir de textos de autores como Novaes e Seriacopi, utilizamos o discurso oral descritivo, exemplificador e questionador, com o intuito de descrever algumas coisas as quais eles não tinham conhecimento, tentamos, dando exemplos simples e comparativos, tornar o assunto mais próximo da realidade de vida dos alunos e questionamos para fazer o pensamento dos mesmos fluir, de maneira que houvesse um intercambio de informações gerando assim outro conhecimento, acrescentando e organizando o conhecimento prévio dos alunos. Tornando a aula menos maçante e mais dinâmica.

5.1 ROTEIRO DE ESTÁGIO (REGÊNCIA): Como Ela Ocorreu?

O primeiro e segundo encontro aconteceu respectivamente nas datas 20/11/13 e 09/12/13, com o tema Ditadura Militar. Nosso público alvo foram alunos de 3º ano do ensino médio, com idades entre 18 e 25 anos.

O golpe de 64 foi um período de sérios conflitos sociais, onde o qual a população sofreu forte repressão pela censura e onde a democracia foi posta de lado em nome da preservação da família e dos bons costumes. O receio de que o comunismo soviético chegasse ao Brasil gerou repressão e violência, torturas e mortes, autoridade e censura.

Diversos dispositivos foram criados para que os militares mantivessem o poder. Entre eles o histórico *Ato Institucional*, que teve seus cinco momentos (AI 1, AI 2, AI 3, AI 4 e o pior de todos o AI 5 que acabou entre outras coisas, com o direito de *habeas corpus* para os chamados crimes políticos).

A reflexão a cerca desse período é de suma importância para se compreender a história recente do Brasil. Um passado negro onde a luta por democracia se fez presente em contraponto a um governo centralizado, repressivo e que não pode ser esquecido pelos procedentes desse tempo.

Os objetivos dos dois primeiros encontros foram trazer à discussão o período da ditadura militar brasileira, suas peculiaridades sociais e políticas; gerar uma reflexão a cerca do período citado, fazendo uma ponte intercaladora entre os dias atuais e o mesmo; desnaturalizar a democracia, fazendo o aluno entender a luta que se foi travada em nome da mesma, para que hoje pudéssemos usufruir da liberdade de expressão entre outras coisas.

O terceiro encontro se deu no dia 16/12/13, com o tema Governos Militares. O público alvo desse encontro foi alunos de 3º ano do ensino médio, com idades entre 18 e 25 anos.

Levando em consideração a justificativa da aula sobre a ditadura militar, nessa aula tivemos o cuidado em aprofundar o conteúdo trabalhando cada governo de forma isolada, ressaltando as peculiaridades de cada governante, seus feitos, os acontecimentos e os movimentos sociais de cada período. Heterogeneizando a ditadura de forma a fazer os alunos compreenderem as oscilações políticas, sociais e culturais.

Os objetivos dessa apresentação foram trabalhar o período ditatorial no Brasil com recortes específicos, com o intuito de aprofundar nos alunos o conhecimento relativo ao tema; explicitar em um discurso descritivo e questionador, as barbáries de cada governo e a luta dos militares para manterem-se no poder; ressaltar não só as questões políticas, como as

mudanças econômicas e sociais de cada período e a ligação delas com a forma de governo de cada Presidente/Militar.

O quarto e último encontro foi no dia 17/02/14, com o tema República Velha, onde o público alvo foi alunos de 3º ano EJA, com idades entre 18 e 30 anos.

A República Velha é o período que compreende a primeira fase da república no Brasil. A fase tem início em 1889 e vai até 1930. Esse período é um divisor de águas na história do Brasil. É a fase da política do café-com-leite, período de ditadura civil-militar onde a qual surgiu a primeira constituição brasileira.

A reflexão sobre esse período gera um maior entendimento com relação à política nacional nos dias atuais. O atraso com que o Brasil adotou a república é diagnóstico da lentidão a qual o Brasil sempre teve à outros países do continente, tendo em vista que foi o último a adotá-la como forma de governo.

Os objetivos da apresentação foram incitar uma discussão em sala de aula sobre a fase da República Velha, enfatizando os costumes e práticas que perduram até os dias atuais; fazer uma introdução do que seja a república em suma, para que se torne claro o motivo pelo qual esse modelo de governo foi escolhido para ser implantado no Brasil; discutir com os alunos a forma de governo do período, as mudanças sociais, o pensamento popular da época e as correntes filosóficas/políticas que serviam de base para compreensão da sociedade do período.

No segundo e terceiro encontro que tivemos, ficamos com o primeiro e o terceiro horário, o que cortou o nosso discurso (que era sobre ditadura militar) isso sem levar em consideração também que os alunos só começam a chegar de fato meia hora depois do início da primeira aula. Fora esse pequeno empecilho conseguimos trabalhar todos os conteúdos programados de forma singular, tanto a parte da oficina, com o tema *Era Vargas* como a regência com os temas *Ditadura Militar*, *Governos Militares* e *República Velha*. Claro que tudo que foi trabalhado, também foi sintetizado ao máximo, pelo fato do tempo ser curto e haver um prazo, tanto para entrega do relatório para a universidade, como para escola e a professora que nos cederam espaço.

As instalações físicas do colégio compreendem: ginásio; biblioteca; laboratórios de informática, química, robótica e matemática; arquivo, direção; almoxarifado; sala de vídeo; sala de coordenação pedagógica; estacionamento; auditório; quatro banheiros (feminino e masculino para alunos e feminino e masculino para professores); cantina. Ao que se refere aos recursos materiais, a escola possui: dois data show, dois televisores, um aparelho de DVD, três aparelhos de som, duas caixas amplificadas, vinte computadores, quatrocentos

tablets para professores do ensino médio e alunos do primeiro ano, distribuídos pelo Ministério da Educação pelo projeto Educação Digital elaborado em 2012. Possui cerca de dezenove turmas funcionando por turno, com Mil novecentos e oitenta alunos matriculados, oitenta professores e cerca de cento e trinta funcionários. Sendo a Diretora Alcineide Evaristo de Souza, Vice-diretora Isineide Lira, Vice-diretora adjunta Josefa Paulo da Silva e o Secretário José Amancio Filho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola em que trabalhamos o estágio é bastante ampla, com recursos – se comparadas com outras escolas públicas – inclusive, tínhamos uma interprete de libras para uma das alunas que possuía necessidades especiais. Para ser um colégio público e de uma cidade do interior da Paraíba, podemos dizer que os alunos do Colégio Estadual de Guarabira não sofrem grandes carências de ensino, pois, pode ser comparado a colégios particulares, com estrutura física ampla, monitoramento na maior parte das instalações incluindo salas de aula, banheiros, corredores, etc. Todos os alunos do primeiro ano e todos os professores de nível médio receberam um tablet por pessoa; são cerca de oitenta (80) professores nos três turnos, enfim, não há grandes carências.

Porém, sabemos que só estrutura e quantidade de recursos não são o suficiente para garantir o resultado esperado. A ligação com o aluno é fundamental para que o professor consiga desenvolver uma boa aula. E para que isso aconteça é necessário tempo. Trabalhamos com turmas da noite, o que dificultou um pouco, tendo em vista que os estudantes da noite, em sua maioria, trabalham de dia e chegam já cansados para assistir as aulas; notamos isso em alguns encontros. Na regência, tivemos aulas com maior rendimento, interação, questionamentos... Algo bem animador, pois a aula se torna mais interessante tanto para o aluno, como para o professor, quando existe uma interação.

O estágio foi uma experiência válida, nos serviu de experiência, nos fez ver a sala de aula de outra forma. Houve alunos que conseguiram absorver o que foi dito mesmo que superficialmente, isso se fez perceptível em comentários de alguns alunos, muitos questionamentos foram feitos, e o questionamento é sempre o primeiro passo para o saber.

Os cursos de licenciatura tem como função a formação de professores, e tem o dever de ofertar aos futuros profissionais da educação uma base significativa de conhecimentos para que se possa promover uma atividade educativa expressiva. O estágio é uma das principais ferramentas, ou talvez a maior, para formação de educadores. Ele tanto se utiliza do conhecimento teórico, como cria, a partir da prática, um novo conhecimento: o empírico.

Conseguí através do meu estágio, refletir sobre a importância de pensar como aluno e entender suas dificuldades e peculiaridades. Cada aluno carrega conhecimento, mesmo que superficial, e este conhecimento pode e deve ser aproveitado, desenvolvido e/ou reformulado pelo professor. Mas para que possamos aproveitar e desenvolver plausivelmente esse conhecimento, o professor precisa agir reflexivamente e de forma questionadora: investigar e

romper com os bloqueios que o aluno sofre quando condicionado a aulas moldadas por um estilo de escola positivista.

O estágio tem a função de relacionar o futuro professor, com a realidade da sala de aula, tendo assim, a possibilidade de se deparar com as obrigações e desafios ofertados pela profissão, que tem seus bons momentos, como uma aula com um respaldo favorável, mas principalmente, exige responsabilidade e comprometimento. Podemos afirmar conclusivamente que no estágio há acertos, mas em sua maioria é composto de erros, estamos aqui para errar e aprender, é para isso que serve o estágio, para praticar, construir nossa identidade como professores. Não será um ou dois anos de estágio ou docência que irá formar o profissional da educação. A formação é contínua, no dia a dia, construído a partir da experiência, de erros e acertos. Creio que tudo isso faz parte do aprendizado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Murilo Silva de. Linguagem do poder, poder da linguagem: **Estratégias argumentativas em discursos de Vargas e Lula.**

Disponível em:

http://www.academia.edu/2701103/Linguagem_do_poder_poder_da_linguagem_Estrategias_argumentativas_em_discursos_de_Vargas_e_Lula

Acesso em: 29 de Julho de 2013.

CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Passo Fundo*, p. 17-32, abr./jun. 2006.

CARVALHO, Dieikson de. A Era Vargas e o populismo no Brasil.

Disponível em: <http://dieiksonprof.files.wordpress.com/2010/05/a-era-vargas-e-o-populismo-no-brasil.pdf>

Acesso em: 29 de Julho de 2013

Sítios:

<http://www.brasilecola.com/historiab/era-vargas.htm>

Acesso em: 09 de Agosto de 2013

<http://www.sohistoria.com.br/ef2/eravargas/>

Acesso em: 09 de Agosto de 2013.

FAZENDA, Ivani C. A. O Papel do Estágio nos Cursos de Formação de Professores. In: STELA C. Bertholo Piconez (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** -24ªed. –Campinas, SP: Papyrus, 2012. (pag. 47-56).

KULCSAR, R.O Estágio Supervisionado Como Atividade Integradora. In: STELA C. Bertholo Piconez (coord.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado.** -24ªed. –Campinas, SP: Papyrus, 2012. (pag. 57-67).

NEVES, Ricardo dos Reis. Era Vargas (1930-1945).

Disponível em: http://anglosl.com.br/Alunos_Online/Vargas.pdf

Acesso em: 29 de Julho de 2013.

NOVAES, Carlos Eduardo e LOBO, César. Os militares entram em cena, in: **História Do Brasil para Principiantes: De Cabral à Cardoso, 500 Anos de Novela.** São Paulo; Editora Ática- 1999.

SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo. Anos de Violência no Brasil: a ditadura Militar, in: **História: Volume único.** São Paulo, Editora Ática- 2005.

SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo. A República dos Cafeicultores, in: **História: Volume único.** São Paulo, Editora Ática- 2005.

SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo. A Proclamação da República, in: **História: Volume único**. São Paulo, Editora Ática- 2005.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. A Modernização autoritária: Do Golpe Militar à Redemocratização 1964/1984, in: **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro, Editora Campus- 1990.

Site QUEDU (Prova Brasil)

Disponível em: <http://www.qedu.org.br/brasil/aprendizado>

Acesso em: 20 de Novembro de 2014.